

Ilustração do demônio Agares por Louis Le Breton, gravada por M. Jarrault (*Dictionnaire Infernal*, 1863). Arte de domínio público. Composição visual remixada.

DOI: 10.53981/destrocos.v6i1.55967
ARTIGOS

"SEM EXCEÇÕES":
SOLIDARIEDADE CÍNICA DIANTE DO INCONTROLÁVEL E DO INCONCEBÍVEL*

John McGuire
University College Dublin, Belfield, Dublin, Irlanda

Resumo
As análises convencionais do cinismo tendem a retratar o fenômeno como uma patologia despolitizante, moralmente corrosiva. Contra esse ponto de vista - e contra o pressuposto de que o cinismo moderno abandona a integridade ética dos antigos cínicos – defendo o cinismo como um modo indispensável e revitalizante de consciência política que abrange: (1) uma forma distinta de solidariedade, fomentada e mantida entre aqueles que se sentem alienados ou excluídos dos processos políticos convencionais; (2) uma estratégia retórica ("atribuição invidiosa", *invidious ascription*) que utiliza o humor sarcástico e a analogia derrisória para minar ideais vazios e consensos opressivos; (3) um compromisso ético-existencial de preparação para a incerteza radical. Entender o cinismo como um conjunto de técnicas políticas (e não como uma personalidade ou postura moral) encoraja uma reavaliação do seu suposto caráter parasitário, capaz de contaminar a boa forma das democracias. O cinismo nunca é, por si só, o instigador da corrupção política ou da torpeza moral, mas pode ser visto como um catalisador da destruição/reconstrução de contextos políticos corrompidos. Este é o perigo do cinismo, bem como a fonte do seu potencial criativo.

Palavras-chave
Cinismo, Diógenes de Sínope, retórica política, movimentos sociais (*Black Lives Matter* e pró-Palestina), Donald Trump.

"NO EXCEPTIONS": CYNICAL SOLIDARITY IN THE FACE OF THE UNCONTROLLABLE AND THE UNCONSCIONABLE

Abstract
Conventional analyses of cynicism tend to portray the phenomenon as a depoliticising, morally corrosive pathology. Against this view—and against the assumption that modern cynicism abandons the ethical integrity of ancient Cynics—I defend cynicism as an indispensable and revitalising mode of political consciousness encompassing: (1) a distinct mode of solidarity fostered and maintained among those who feel alienated or excluded from conventional political processes; (2) a rhetorical strategy ('invidious ascription') deploying biting humour and derisive analogy to undermine vacuous ideals and oppressive consensus; (3) a ethical-existential commitment to prepare for radical uncertainty. Understanding cynicism as a set of political techniques (rather than a persona or moral posture) encourages a reassessment of its supposed parasitism and contamination of otherwise healthy democracies. Cynicism is never itself the instigator of political corruption or moral turpitude, but it might be seen as a catalyst for the ruination/rebuilding of corrupted political contexts. This is cynicism's danger, as well as the source of its creative potential.

Keywords
Cynicism, Diogenes of Sinope, Political Rhetoric, Social Movements (BLM and Palestine), Donald Trump.

Submetido em: 20/11/2024
Aceito em: 22/11/2024
Publicado em: 25/03/2025

Como citar: MCGUIRE, John. "Sem exceções": solidariedade cínica diante do incontrolável e do inconcebível. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. e55967, jan./jul. 2025.

Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

* A tradução e a revisão técnica da versão em inglês para o português, sob responsabilidade de Pedro Campos Araújo Corgozinho, foi viabilizada com o apoio da Fapemig (Edital nº 008/2023).

Introdução

Análises desesperadas sobre a democracia ocidental frequentemente atribuem seu declínio à disseminação do cinismo no discurso público[1]. De uma perspectiva convencional, o "cinismo" sinaliza um afastamento da vida política, motivado por uma rejeição desdenhosa em relação ao governo e por uma crença dogmática na ingenuidade e na torpeza da humanidade. A presunção do cínico é de que o sistema é irremediavelmente manipulado para servir aos interesses dos poderosos, e de que o resto de nós é demasiado estúpido ou egoísta para fomentar a mudança. E é esta mesma presunção, de acordo com muitos teóricos, que permite que os regimes autoritários se mantenham e proliferem, uma vez que as pessoas "boas" abandonam qualquer objetivo além da autopreservação:

> A propaganda de massa descobriu que o seu público estava sempre disposto a acreditar no pior, por mais absurdo que fosse, sem objetar contra o fato de ser enganado, uma vez que achava que toda afirmação, afinal de contas, não passava de mentira. (...) Uma mistura de credulidade e cinismo prevalece em todos os escalões dos movimentos totalitários, e quanto mais alto o posto, mais o cinismo pesa sobre a credulidade. A convicção essencial compartilhada por todos os escalões, desde os simpatizantes até o líder, é a de que a política é um jogo de trapaças.[2]

De acordo com essa perspectiva, se a resistência ao despotismo alguma vez emerge, ela o faz apesar do desencantamento cínico; simplesmente não há como o cinismo contribuir construtivamente para a emancipação. A verdadeira liberdade política só pode ser encontrada à luz de ideais contrafactuais e deve permanecer aberta ao escrutínio racional e ao consenso (ou, pelo menos, ao dissenso respeitoso). O cinismo apenas antecipa a decepção e a deslealdade.

Ao menos esse continua a ser o pensamento convencional sobre os efeitos debilitantes do cinismo na agência moral e política. Meu objetivo neste artigo é o de combater a suposição amplamente difundida de que o cinismo é inimigo da socialidade democrática e da emancipação. Na verdade, o cinismo é mais precisamente descrito como um facilitador da solidariedade e da agência moral durante as longas noites escuras da irracionalidade política e da incerteza existencial. Em vez de egoísmo ou derrotismo, o cinismo tem a capacidade de fomentar alianças resilientes e duradouras, e de libertar os agentes do jingoísmo irrefletido, do niilismo e da cumplicidade com injustiças. Embora trabalhe para preservar ideais principalmente por meio da negação e da contradição, o cinismo segue indispensável para dar ancoragem moral e política aos impotentes e para romper o consenso insuportável.

[1] Bauer, *The Unravelling*; Caldwell, *Cynicism and the Evolution of the American Dream*; Deneen, *Democratic Faith*; Giroux, *Public Spaces, Private Lives*; Chaloupka, *Everybody Knows*.

[2] Arendt, *The Origins of Totalitarianism*, p. 500. [Nota da tradução: para esta citação de Arendt, partimos da tradução já bastante difundida e conhecida no Brasil: *Origens do totalitarismo*, tradução de Roberto Raposo, modificada. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 432.].

1. O cinismo como impotência afirmativa

Apesar da relativa familiaridade de Diógenes de Sínope como cínico paradigmático, e da prevalência do termo no discurso contemporâneo, ainda há uma nítida falta de clareza sobre aquilo que as práticas e crenças do cinismo implicam – o que torna mais difícil mensurar ou rastrear seus efeitos.[3] A tendência dos estudos empíricos recentes tem sido a de tratar o "cinismo" como sinônimo de "desconfiança" em relação às instituições políticas e seus representantes.[4] No entanto, *desconfiar* da sinceridade dos líderes eleitos ou da responsividade das instituições permanece dentro dos limites dos processos de reforma legislativa convencional e dos sistemas de controle. Não é difícil intuir a diferença entre uma desconfiança que mantém a esperança de superar o afastamento em relação à política e um *cinismo* que denuncia as condições sociais existentes como irremediavelmente injustas. Enquanto um cético ainda pode esperar o surgimento de uma figura inspiradora para corrigir um *status quo* injusto, espera-se que o cínico veja qualquer agente reformador como demasiado ingênuo ou vaidoso para ser digno de confiança. Desconfiança denota *descontentamento*, cinismo conota *desdém*. Então, como tal sentimento se expressa na práxis social antiga ou na moderna?

Ao centrar a atenção no *funcionamento* do discurso cínico e da solidariedade, busco encorajar uma mudança analítica em relação ao perfil sociológico/psicológico dos cínicos e à idealização histórica do cinismo "antigo" em oposição ao "moderno". Enquanto alguns comentadores insistem numa divisão clara entre o cinismo dos predominantemente modernos "mestres-insiders" (*master-insider*) contra o dos predominantemente antigos "desempoderados-outsiders" (*disempowered-outsiders*)[5], eu concentro a minha atenção nas qualidades universalizáveis das declarações cínicas e dos laços sociais. A este respeito, minha abordagem difere das reconstruções especulativas de Michel Foucault e Peter Sloterdijk da *askēsis* ética e do *kynismo* (*kynicism*) performativo, englobando a experimentação ascética, a subversão "insolente", ou a verdade "corajosa".[6] Não se trata de ignorar as distâncias intransponíveis que separam a cultura política contemporânea daquela de Atenas do século IV. Meu argumento é simplesmente o de que a figura do antigo *parrhēsiast* continua a mesma, uma construção especulativa, a partir da qual é impossível estabelecer distinções definitivas entre sensibilidades antigas e modernas.[7] Conservamos apenas alguns fragmentos de

[3] Rijkhoff, *Still Questioning Cynicism*.

[4] Sobre "cínico" como tipologia política comparada à "desconfiança", ver: Pew Research Center for the People & the Press. 2019. "Trust and Distrust in America": https://www.pewresearch.org/politics/2019/07/22/trust-and-distrust-in-america/.

[5] Keenan, *The Twilight of the Political?* [Nota da Tradução: no ensaio citado, Keenan atribui a Peter Sloterdijk a distinção entre diferentes níveis de cinismos a partir da relação do sujeito cínico com o sistema de poder, isto é, *insiders* e *outsiders*, mas também de sua posição em relação ao poder, a saber, os mestres (*master-insiders*), os intermediários (*disempowered-insiders*), ou mesmo os que estão à margem do poder (*disempowered-outsiders*). Keenan exemplifica os intermediários como profissionais e burocratas, e compara os últimos ao "eleitor médio" (*average voter* – para os termos citados, ver quarto parágrafo do ensaio). Por isso, optamos por traduzir *disempowered* como "desempoderado", na tentativa de não induzir o leitor a erro com termos mais comuns, como "impotente" ou "desprovido de poder".].

[6] Foucault, *The Government of the Self and Others*, pp. 63-66; Sloterdijk, *Critique of Cynical Reason*, pp. 103-105.

[7] Niehues-Pröbsting, *The Modern Reception of Cynicism*, pp. 334-340.

Antístenes, tradicionalmente identificado como o mentor filosófico proto-cínico de Diógenes (embora seus laços com o grupo sejam contestados; ver Dudley, 1937), e nada do próprio Diógenes, nem de discípulos cínicos notáveis, como Cratos de Tebas ou Hipárquia de Maroneia. A nossa principal fonte para as suas proezas é a obra *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, supostamente escrita no século III d.C. por Diógenes Laércio, oriundo do leste grego do Império Romano – cuja autoria, fiabilidade histórica e acuidade filosófica continuam a ser objeto de debate.[8]

Uma das omissões mais curiosas no registro histórico do cinismo antigo é a ausência de qualquer menção ou acusação a respeito do que, indubitavelmente, teria sido considerado conduta escandalosa e discurso difamatório. A Atenas do século IV, com os seus cerca de 30.000 cidadãos plenos e 10.000 metecos, era um lugar demasiado pequeno para que personalidades combativas como Diógenes permanecessem anônimas ou tivessem rédea solta para abusar da moralidade cívica.[9] As reputações eram ciosamente protegidas, como demonstra a disputa legal de Aristófanes com o general populista ateniense Cléon.[10] As acusações públicas de "impiedade" (*asebeia*) tinham consequências potencialmente devastadoras, como sabemos pelo famoso julgamento e suicídio de Sócrates.[11] E a categoria jurídica da *hybris*, que protegia os cidadãos atenienses das condições indignas sofridas por escravos e não-cidadãos, teria sido perfeitamente adequada ao tipo peculiar de ofensividade performativa de Diógenes (incluindo blasfemar contra deuses e sacerdotes dentro de seus templos, mendigar à porta de casas particulares, perturbar eventos desportivos e incitar atos violentos contra figuras públicas). Embora fossem em sua maioria compostos por metecos não atenienses, seria de todo coerente com os precedentes legais atenienses levar os membros da "escola" cínica a julgamento, para possivelmente enfrentarem condenações de metecos proeminentes, como Lísias ou Dinarco (de fato, na tradição historiográfica, ao suposto mentor de Diógenes, Antístenes, é creditada a exitosa acusação feita pelos principais acusadores de Sócrates, Ânito e Meleto).[12] Embora não seja algo conclusivo, a falta de qualquer evidência de anedotas cínicas em discursos jurídicos, peças de teatro cômicas ou tratados filosóficos nos leva a não considera-las *literalmente* – sobretudo se levarmos em conta a riqueza de referências a outras forças corruptoras, como demagogos, cultos estrangeiros e seitas sediciosas, que se encontram na oratória de Demóstenes e nas peças de Aristófanes.[13] Se estadistas, poetas e moralistas eram regularmente levados a julgamento, como era possível que os cínicos realizassem suas notórias provocações sem consequências?[14]

[8] Grafton, *Diogenes Laertius*; Márkus, *Diogenes Laertius contra Gadamer*.
[9] Hansen, *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*, pp. 91-94.
[10] Sommerstein, *Harassing the Satirist*.
[11] Waterfield, *Why Socrates Died*.
[12] Laertius, *Lives of Eminent Philosophers*, p. 264.
[13] Jameson, *Cults and Rites in Ancient Greece*; Christ, *The Litigious Athenian*.
[14] Embora esse não seja meu foco neste ensaio, há boas razões para reconsiderar supostos personagens históricos, como Diógenes, como alguém que tivesse uma função mais próxima à de um "trapaceiro" mítico – o que também levanta questões sobre a filosofia ocidental como gênero que exclui a "magia", mas nos faria acreditar que Alexandre, o Grande, procurou um meteco sem-teto em Atenas para obter conselhos sobre como viver: "[6:38] Enquanto se bronzeava em um bosque, Alexandre parou diante dele e disse: 'Peça-me o que quiser', e ele respondeu: 'Afasta-te da minha luz" (Laertius, *Lives of Eminent Philosophers*, p. 277).

Em todo o caso, o nosso foco atual são as manifestações não-míticas da agência cínica. Nesse ponto, inspiro-me em Sharon A. Stanley, cuja reconstrução do cinismo no Iluminismo francês (tal como se manifesta em *O Sobrinho de Rameau*, de Diderot, e nos *Devaneios do Caminhante Solitário*, de Rousseau) define o cinismo como um conjunto de "táticas" através das quais atores até então marginalizados "encenam ataques de guerrilha, temporários, às instituições e normas hegemônicas".[15] Em vez de um "retiro" para uma "falsa consciência esclarecida",[16] confortável mas desanimadora, esta visão do cinismo capta a sua qualidade ativa e engajada. O cinismo é "performado" em público. Seja ele uma pessoa histórica real ou um personagem quase-mítico, todas as versões de Diógenes enfatizam sua falta de vergonha em afirmar seu status subordinado e marginal. Como exilado político e não-cidadão, Diógenes não tinha a esperança de alcançar um status político igualitário [*isonomia*] e o direito concomitante de ir à Assembleia [*isēgoria*]. Em vez de lamentar sua condição como trágica, contudo, ele viveu abertamente na pobreza e se declarou (de modo semi-irônico) como verdadeiramente livre:

> [6.72] Ele zombava da boa educação, da reputação e de todas essas coisas, chamando-as de enfeites vulgares ["cosméticos" – *prokosmemata*] do vício, e defendia que a única comunidade verdadeira era aquela comensurável com o universo ["cosmos" – *kosmos*].[17]

A reformulação feita por Diógenes, sobre a "boa educação" como "enfeites vulgares do vício", tem sido interpretada como uma refutação de princípios da identidade ateniense provinciana e um endosso da "comunidade" cosmopolita.[18] No entanto, tal domesticação de Diógenes exige que atribuamos grande significado moral ao que pode ser apenas um conjunto fragmentado de observações desdenhosas. Na verdade, há muito pouco que sugira que Diógenes pretendia convencer seu público a expandir suas obrigações morais e políticas, ou que ele nutria um compromisso substancial com o cosmopolitismo como *ethos*. No contexto, o único objetivo evidente é desconstruir a autoctonia do pertencimento político, comparando-o a uma ornamentação vistosa e superficial.

Não temos razões para duvidar da antipatia de Diógenes por um sistema que permitia que a exclusividade da cidadania, enquanto pertencimento político, significasse a posse da virtude. Mais do que apenas criticar as "uvas verdes", o que define as afirmações cínicas é esse senso de apropriação da própria impotência "como se" fosse uma escolha deliberada (por exemplo, a rejeição de símbolos de status "cosméticos" em favor de um universalismo verdadeiro e cósmico). Este posicionamento é mais assertivo

---

[15] Stanley, *The French Enlightenment and the Emergence of Modern Cynicism*, p. 203.

[16] Sloterdijk, *Critique of Cynical Reason*.

[17] Laertius, *Lives of Eminent Philosophers*, p. 292. [Nota da Tradução: optamos por traduzir indiretamente o trecho citado de Diógenes Laércio, isto é, a partir da tradução em inglês usada pelo autor deste ensaio. As traduções de Diógenes Laércio variam muito entre idiomas e edições. Procuramos, assim, ser tão fiéis quanto possível à formulação de John McGuire neste texto. No Brasil, a tradução e edição mais usada no meio acadêmico para a obra é de Mário da Gama Kury, feita diretamente do grego, onde o trecho citado aparece traduzido como se segue: "Diógenes ridicularizava a nobreza de nascimento, a fama e similares, chamando-as de ornamento ostentatório do vício. A única organização política correta, dizia ele, é a universal" (Laércio, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Editora UnB, Brasília, 2008, p. 170)].

[18] Nussbaum, *The Cosmopolitan Tradition*.

do que outras formas de "enfrentamento", precisamente porque abraça uma condição que normalmente seria considerada insuportável. Enquanto gesto performativo, procura também suscitar uma resposta dos espectadores, que podem, a princípio, considerar tais afirmações como pouco sérias, mas são efetivamente convidados a refletir sobre o que poderiam fazer em tais circunstâncias.

A grande maioria das pessoas neste planeta tem pouca ou nenhuma chance de alcançar uma posição política ou socioeconômica significativa em sua existência.[19] Diante disso, o cinismo se opõe ao niilismo, ao suspender intencionalmente a obediência a escrúpulos, mesmo quando se busca sobreviver ou obter poder de barganha em um sistema injusto e corrupto. O cínico é aquele que pede esmola, ao mesmo tempo em que afirma que apenas está reivindicando o que lhe é devido. Aqueles que não têm a capacidade de derrubar uma ordem hegemônica detestável podem sentir que não têm alternativa senão aguardar o momento oportuno – o que não é o mesmo que ser submisso. O cinismo permite que alguém se curve sem se quebrar – adiar a resignação total na esperança de que uma oportunidade de reviravolta estratégica possa ainda surgir, e, nesse ínterim, preservar uma ideia clara da falsidade inerente do presente. As verdadeiras convicções morais de alguém não desaparecem simplesmente – elas são preservadas como um ponto de ancoragem para a autorrealização em meio à decadência moral.

Embora eu não pretenda instrumentalizar o sofrimento humano para fins de ilustração filosófica, a etnografia de Lori Allen, de 2013, sobre os palestinos na Cisjordânia ocupada oferece um relato convincente do "enfrentamento" cínico, tornando-se ainda mais relevante à luz da atual campanha brutal de limpeza étnica promovida pelo Estado de Israel. Os entrevistados de Allen incluem professores e estagiários do que hoje é conhecido como Comissão Independente de Direitos Humanos (ichr.ps/en), um órgão de monitoramento independente e semioficial, com foco na conduta de Israel e da Autoridade Palestina, como parte da Aliança Global de Instituições Nacionais de Direitos Humanos. Além dos casos mais previsíveis de corrupção, ineficiência e abuso, o que mais chama a atenção nas observações dos entrevistados de Allen é que, apesar da sensação predominante de que seu trabalho contribuía ativamente para a encobrir as violações dos direitos humanos, permanecia ainda um profundo compromisso com a soberania palestina como aspiração política e direito moral:

> O cinismo é uma postura crítica em que aqueles que estão insatisfeitos com as escolhas disponíveis no presente mantêm a crença de que tais opções limitadas não são tudo o que deveria existir. Para muitos palestinos, perdura um horizonte, ainda que vago, de outras possibilidades e esperanças, porque é lembrada uma história de vínculos políticos satisfatórios e de contribuições motivadas por valores políticos sinceros, ou pelo menos imaginada nostalgicamente. Seu imaginário nacional persiste através do debate ético, apesar da ausência de um estado-nação. Essa postura crítica é parte do que está sustentando o nacionalismo palestino, permitindo uma variedade de usos do sistema de direitos humanos e bloqueando o entrincheiramento de um aparato estatal autoritário.[20]

Allen é cautelosa ao não traduzir 'cínico' através de expressões árabes para dizer "desdenhoso" (*muhtaqir*), zombaria (*yahza'a*) ou desespero (*ya's*), mas encontra uma

[19] World Bank, *Poverty, Prosperity, and Planet Report 2024*.
[20] Allen, *The Rise and Fall of Human Rights*, p. 189.

aproximação eficaz com "farto" (*zahaq*), que expressa a decepção compartilhada coletivamente entre aqueles que perderam a paciência com um sistema corrupto e ineficaz, mas ainda precisam encontrar alguma forma de conviver dentro dele (Allen 2013: 26). No caso palestino (pelo menos antes da perpetração do genocídio no último ano), a idealidade dos direitos humanos não foi apagada pelo fracasso do *establishment* dos mesmos direitos humanos em prevenir abusos; na verdade, o significado desses direitos foi posto em evidência, de modo esclarecedor, pela falsidade – as "palavras vazias" (*haki fadi*) – da indústria dos direitos humanos.[21] Não apenas o sonho de um Estado palestino reconstituído, mas o significado e a relevância moral da própria nação são afiados contra a pedra de amolar de cada decepção e traição sucessivas. Privada dos meios para alcançar a condição de Estado, a comunidade moral deve, de alguma forma, ser formada acima do abismo que separa o real do ideal.[22]

Para aqueles que são abandonados em condições aparentemente insuperáveis e moralmente inadmissíveis, a escolha é entre "afirmar" cinicamente o afrouxamento das regras e a transgressão das leis, ou persistir em seguir as regras na esperança de que o curso da história eventualmente vire a seu favor. Curiosamente, é a última opção que prevalece para um grupo significativo dos apoiadores de Trump, que endossam sua promessa de política de deportação, mesmo sendo eles próprios filhos de imigrantes legais e ilegais.[23] O "cinismo" palestino (na medida em que ainda consegue sobreviver) se posiciona contra a irrealidade de leis e acordos que são impostos como "realidades" políticas; é uma prática que preserva a razão e a moralidade. O cinismo afirma a irracionalidade e a crueldade da legislação e da governança, e, ao fazê-lo, forja novas solidariedades entre outsiders, isto é, aqueles que estão fora das margens políticas e jurídicas:

> "Ser uma boa cidadã não é tão importante quanto ser eu mesma; isso é o que eu sou. O governo não vai perder tanto dinheiro se eu omitir pequenas coisas, disser pequenas mentiras, sabe, mas alguém vai mudar seu estilo de vida, isso é mais importante para mim do que realmente ser uma boa cidadã. Porque eu já pago tantos impostos, de qualquer forma... Compreendo as dificuldades enfrentadas por outras pessoas e agora tenho a oportunidade de apoiar meu povo, por que não?" ('Jaf', uma mulher curda originária da Turquia, emprega trabalhadores sem autorização de trabalho em seu restaurante, enquanto reside no Reino Unido).[24]

O cinismo deprecia as virtudes da "boa cidadania" em favor de exercícios localizados de decência moral. Ele encontra seu "fundamento" moral nas lealdades interpessoais e permanecendo fiel a si mesmo. E são essas qualidades que nos sustentam quando o mundo a nosso redor está desmoronando.

[21] Allen, *The Rise and Fall of Human Rights*, p. 5.
[22] Allen, *The Rise and Fall of Human Rights*, p. 10.
[23] Uma pesquisa da Siena para o New York Times, de outubro de 2024, sugere que 40% dos eleitores latinos e hispânicos apoiam a promessa de Trump de continuar construindo um muro ao longo da fronteira com o México e de realizar deportações em massa de imigrantes "ilegais" (63% disseram que "não sentem que ele está falando de mim", em referência às declarações de Trump sobre os perigos da imigração).
[24] Entrevista: Alice Bloch e Sonia McCay. 2016. *Living on the Margins: Undocumented Migrants in a Global City*. Oxford University Press.

2. O discurso cínico

Na tentativa de entender o que é o cinismo e como ele funciona, é vital prestar atenção às facetas peculiares do discurso cínico, que é o principal meio pelo qual sua insatisfação se expressa. Através do que denomino como atribuição invidiosa [*invidious ascription*],[25] o discurso cínico ataca as normas convencionais e quebra as regras implícitas que regem a interação comunicativa. O discurso cínico se efetiva na livre utilização de comparações injustas, afirmações indefensáveis, e subverte as estruturas referenciais comuns. Apesar dos registros históricos fragmentados, ao menos há um consenso amplo de que a retórica da fala cínica implicava uma "redescrição moral", pela qual motivos básicos eram aplicados subversivamente a qualidades virtuosas.[26] Conforme apontado pelo classicista A.A. Long, essa estratégia de desdém consiste em "transformar termos originalmente descritivos em expressões que se aplicam apenas àqueles que merecem tal descrição".[27] Ao contrário de outros moralistas excêntricos que propunham

[25] Nota da tradução: o termo *invidious ascription* é usado pelo autor para descrever um aspecto do discurso cínico em um esboço de ensaio disponibilizado pelo próprio John McGuire no site Academia.edu, intitulado *On Cynical Speech: the Power of 'Invidious Ascription'* (Sobre o discurso cínico: o poder da "atribuição invidiosa"). Nesse texto, McGuire afirma que o caráter explícito que se manifesta na "atribuição invidiosa" do discurso cínico é o que "o distingue da manipulação oculta encontrada em publicidade ou propaganda política". Através dessa característica, o "discurso cínico testa os limites da compreensão normativa, rompendo as 'regras' que governam as interações comunicativas", mas também "faz comparações 'injustas', afirmações indefensáveis e desvaloriza padrões comuns de referência", apresentando "um caráter retórico inquestionável: não busca acordo ou refutação, mas visa subverter os efeitos 'de ligação e união' das próprias palavras". Mais adiante, no mesmo ensaio, o autor resume as três características dos atos de discurso cínico por ele identificadas no que seria uma teoria da linguagem proto-cínica, as quais definiriam, juntas, a "atribuição invidiosa", a saber: "(1) a nulificação deliberada dos modos predominantes de raciocínio; (2) o uso de imagens cômicas ou de analogias para fazer reivindicações morais novas e provocativas; (3) o uso livre de argumentos *ad hominem* e pejorativos para minar o status dos oponentes intelectuais". Assim, ao traduzirmos a *invidious ascription*, mantivemos o termo o mais próximo possível do original, evitando adjetivos em português como "pejorativa", "invejosa" ou "desagradável", comumente usados para traduzir *invidious*, por acreditarmos que nenhum deles sozinho dá conta da complexidade da ideia original do autor. ("*Through what I call invidious ascription, cynical speech tests the limits of normative understanding by breaking the 'rules' governing communicative interactions. Cynical speech freely makes 'unfair' comparisons, indefensible assertions, and devalues common standards of reference. Cynical speech exhibits an indefeasible rhetorical character: it does not seek agreement or refutation, but aims to subvert the 'binding and bonding' effects of words themselves. It is cynical speech's overt character which differentiates it from the covert manipulation found in advertising or political propaganda*". *(...) To summarise, my reconstruction of the proto-Cynic theory of language has identified three qualities of 'cynical speech acts': (1) the deliberate nullification of prevailing modes of reasoning (supplanting the goals of logical clarity or consensus with eristic 'victory'); (2) the use of comedic imagery or analogy in making novel and provocative moral claims (3) the free use of ad hominem and pejoratives to undermine the status of one's intellectual opponents. Together, these three aspects define invidious ascription – the unfair, unbecoming, and unworthy manipulation of meaning by which speech becomes 'cynical'*". pp. 3-4, 19, tradução nossa. Disponível em: https://www.academia.edu/42913229/On_Cynical_Speech_the_Power_of_Invidious_Ascription).

[26] Mazella, *The Making of Modern Cynicism*; Skinner, *Reason and Rhetoric in the Philosophy of Hobbes*.

[27] Long, *The Socratic Tradition*.

visões radicais de utopia, os cínicos empregavam imagens provocativas para anular a discussão e permitiam que o insulto substituísse o debate filosófico:

> [6.24] Ele também era adepto da prática de desdenhar dos outros. Chamou a escola (*scholēn*) de Euclides de "bile" (*cholēn*), o discurso de Platão (*diatribēn*) de "perda de tempo" (*katatribēn*), os concursos teatrais nas Dionisíacas de "espetáculo para idiotas" e os demagogos de "lacaios da multidão".[28]

Se quisermos definir o que é exclusivo dos modos cínicos de expressão, eu argumentaria que o que importa são as dinâmicas do ato de fala, e não qualquer "cosmopolitismo" suscintamente declarado. Diógenes radicalizou o ceticismo contra o discurso filosófico "tradicional", lançando dúvidas sobre a própria transmissibilidade do insight. Operando de maneira caracteristicamente imprudente e desrespeitosa, o discurso cínico atinge suas "epifanias" não por meio de inspiração divina ou reflexão, mas "entrando na pele" de seus oponentes, de modo que, em sua raiva e desespero, a "verdade" é revelada, o que, de outro modo, poderia ter escapado ao escrutínio. Sejam quais forem as ressonâncias que os insultos e as provocações de Diógenes tenham para além do contexto comunicativo inicial, seu significado não deve ser interpretado de modo a definir o "discurso cínico", precisamente porque é muito fácil para os sentimentos mais ultrajantes serem cooptados e despojados de seu poder destrutivo. Tais cooptações podem, elas próprias, serem chamadas de "cínicas", mas apenas na medida em que ajudam a ilustrar a falta de sentido e a maleabilidade fundamentais da linguagem moral.

Como essa modalidade peculiar de discurso se manifesta na história política mais recente? Quando consideramos os marcos da história política progressista, os discursos e as marchas da era dos Direitos Civis são frequentemente apresentados como o ponto culminante.[29] Mas não é difícil encontrar contrapontos dissonantes ao "Sonho" de Martin Luther King Jr. Consideremos o seguinte trecho do infame discurso de Malcolm X, "O Voto ou a Bala", proferido em 1964, em Cleveland, durante a conferência promovida pelo Congresso de Igualdade Racial:

> Não, eu não sou americano. Eu sou um dos 22 milhões de negros que são vítimas do americanismo. Um dos 22 milhões de negros que são vítimas da democracia, que nada mais é do que hipocrisia disfarçada. Portanto, não estou aqui falando para vocês como um americano, ou um patriota, ou um defensor da bandeira, ou um agitador de bandeira – não, eu não. Eu estou falando como uma vítima deste sistema americano. E vejo a América com olhos de vítima. Não vejo nenhum sonho americano; vejo um pesadelo americano. (Malcolm X, 1964, p. 26).

Aqui, detectamos várias características notáveis. Primeiro, há a utilização de *paradiástole*,[30] por meio da qual os significantes tradicionais da virtude ("patriota") são reinscritos como vício – ser um bom americano, na verdade, indica cumplicidade com a perseguição de cidadãos não brancos. Da mesma forma, "democracia" não significa um

[28] Laertius, *Lives of Eminent Philosophers*, p. 270. [Na tradução de Mário da Gama Kury (Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2008), p. 158: "Diógenes comprazia-se em tratar seus contemporâneos com altivez. Chamava de bílis (*kholé*) a escola (*skholé*) de Eucleides, e dizia que as preleções de Platão eram perda de tempo, que as representações teatrais durante as Dionisíacas eram grandes maravilhas para os tolos, e que os demagogos eram os lacaios da turba".].

[29] Younge, *The Speech*.

[30] Skinner, *Reason and Rhetoric in the Philosophy of Hobbes*.

credo universal, mas um exercício dúbio de exclusão e exploração contra aqueles cujos ancestrais foram trazidos para os EUA como escravos. Além disso, o gesto de deixar de lado o véu patriótico, expondo os contornos de pesadelo do "sonho" americano, também fornece um ponto de encontro para outras vítimas. O que não é explicitamente transmitido na transcrição desse discurso são as interjeições de "chamado e resposta" do público cada vez mais apaixonado (afirmações declamatórias como "É isso mesmo!", "Fale!"). Em oposição à imagem do "Sonho" de King, não há uma "mesa da fraternidade" em torno da qual os "filhos de ex-escravos" e os "filhos de ex-donos de escravos" poderão se sentar – para Malcolm X, há apenas a percepção de que a "mesa" é um ideal manipulador e inatingível, uma visão de igualdade sempre colocada no futuro distante, sempre fora de alcance.

Sou cauteloso em projetar intenções "cínicas" em atores que não se identificam com o termo, mas acredito que ainda seja possível isolar certas declarações que ressoam com as atribuições invidiosas do discurso cínico. Slogans notáveis ("Mãos ao alto, não atire!", "Eu não consigo respirar!") nos primeiros dias do movimento Black Lives Matter tomaram a forma de apelos simulados direcionados a policiais,[31] retórica que carrega nítida diferença dos discursos, slogans e títulos de músicas que eram proeminentes entre a geração de ativistas dos Direitos Civis da década de 1960 ("Nós vamos superar", "Eu tenho um sonho", "Eu sou um homem"). As formulações do BLM são estruturadas como provocações e costumam ser recebidas com uma defensividade brutal por parte de autoridades locais e policiais. Quando os manifestantes cantam "black lives *matter*" (vidas negras *importam*), a redundância e a evidência da afirmação constituem uma acusação do status legal claramente desigual dos cidadãos americanos não brancos. O BLM não é um movimento de protesto convencional que se articula em torno de uma liderança central. Suas reivindicações não são a revogação de leis específicas ou outras melhorias pontuais (além do pedido aparentemente razoável de "Parem de nos matar"). Não se trata de uma luta contra as leis Jim Crow, mas uma acusação mais universal contra a aplicação "normal" e cotidiana da lei e a ignorância e lassidão do público em geral em relação aos flagrantes abusos de poder. Nesse sentido, o BLM mostrou-se notavelmente eficaz, levando as forças de segurança locais a revelarem sua verdadeira face, por meio do policiamento pesado e do tratamento conferido a cidadãos desarmados como uma *ameaça* existencial a Baltimore, Ferguson, Sacramento, Chicago e outros lugares.

Nos anos seguintes, os slogans do Black Lives Matter foram submetidos a pressões de domesticação e monetização, semelhantes à leitura redentora de Diógenes como um universalista cosmopolita. Mal os manifestantes haviam expressado suas demandas desarrazoadas de "desinvestir" na polícia ("*defund the police*", movidos por seu desprezo cínico e legítimo à pompa da encenação de reforma e do treinamento da polícia), esforços para acabar com essas demandas rapidamente inundaram os meios de comunicação de massa.[32] Ao mesmo tempo, publicitários corporativos e empresários golpistas buscaram associar os slogans e as demandas a marcas lucrativas.[33] Tanto antes como agora, a poderosa funcionalidade do discurso cínico reside no momento da articulação subversiva, independentemente da perspectiva ideológica predominante do

[31] Taylor, *From #BlackLivesMatter to Black Liberation*; Lebron, *The Making of Black Lives Matter*.
[32] Herrera, *The Defunding Debate*.
[33] Incluindo uma campanha particularmente infame da Pepsi, onde se vê polícia e manifestantes colocando de lado as diferenças depois que Kendall Jenner oferece uma lata a um oficial: www.nytimes.com/2017/04/05/business/kendall-jenner-pepsi-ad.html.

orador. O cinismo pode se manifestar em qualquer lugar, a qualquer momento, porque consiste em um conjunto de funções práticas, e não em uma sistematização do pensamento ou modo de vida. Quaisquer ressonâncias duradouras que a destruição de reputações ou a intoxicação de significados possam ter, a "intenção" das declarações cínicas permanece posta no momento mesmo de demolir os debates políticos-morais estagnados. A cada apropriação e domesticação de um enunciado cínico, uma nova formulação é encontrada (ou redescoberta), o que leva os protestos do BLM a ficarem cada vez mais aguçados (especialmente no Reino Unido), indo de *I can't breathe!* ("Não consigo respirar!") a *All cops are bastards!* ("todos os policiais são bastardos!").[34] A flexibilidade do discurso cínico é marcada pela disposição em usar qualquer meio retórico para minar o oponente e dissolver obstáculos, o que reconhecidamente permite a incoerência ideológica, a incivilidade e a hipocrisia grosseira. Apesar de rejeitar o consenso e a compreensão como objetivos finais da comunicação, o discurso cínico pode ser diferenciado das manipulações veladas do discurso (como a mentira ou a propaganda) porque ele visa e reformula significados de modo aberto, em vez de buscar objetivo ou vantagem secundários. As insinuações cínicas são imbricadas nas lacunas entre palavras e ações, ampliando as dúvidas ocultas sobre o que nossas palavras realmente significam. Em alguns casos, as frases são reduzidas à evidência acumulada de seu abuso (por exemplo, "segurança nacional" e "liberdade de expressão". Em outros, o discurso cínico catalisa a transformação do sentido ao demonstrar a vacuidade inerente e a maleabilidade de certos significados (por exemplo, "direitos humanos" sob intervenções "humanitárias", ou a expressão "*fake news*", usada primeiro contra Donald Trump, em 2016, até ser adotada como campanha para condenar toda mídia como partidária; ver Higdon, 2020).

Enquanto os Estados Unidos, assim como o resto do mundo, olham para o abismo de uma segunda presidência de Trump, vale a pena lembrar alguns dos momentos de destaque cínicos de seu primeiro governo, que foi tratado na época por muitos comentaristas como uma subversão do discurso político sem precedentes.[35] Juntamente com os familiares tropos chauvinistas de direita,[36] usados à exaustão, o governo Trump foi particularmente descarado ao dispensar as próprias normas democráticas: como quando a porta-voz do presidente, Kellyanne Conway, alegou que o governo estava gerando fatos "alternativos";[37] ou quando o Secretário de Estado dos EUA e ex-diretor da CIA, Mike Pompeo, vangloriou-se num discurso: "Eu era o diretor da CIA. Nós mentimos, nós trapaceamos, nós roubamos";[38] ou quando, como candidato novamente, Trump xingou o sistema eleitoral "fraudado" norte-americano, cujos representantes estariam todos no bolso de lobistas e doadores de elite como ele próprio: "Quando eles ligam, eu dou. E quer saber, quando eu preciso de algo deles, dois, três anos depois, eu ligo para eles. E eles

[34] Gagliardo-Silver, *What I mean when I say I want to abolish the police*.
[35] Mercieca, *Demagogue for President*; Carpenter, *Gaslighting America*; Kakutani, *The Death of Truth*.
[36] O que só piorou na última campanha: Gibson, G. 2023. "*Trump says immigrants are 'poisoning the blood of our country.' Biden campaign likens comments to Hitler*" ["Trump diz que imigrantes estão 'envenenando o sangue de nosso país'. A campanha de Biden compara comentários a Hitler"], www.nbcnews.com.
[37] Jaffe, Alexandra. 2017. "Kellyanne Conway: Whitehouse Spokesman Gave 'Alternative Facts' on Inauguration Crowd," www.nbcnews.com.
[38] Pompeo, Mike. 2015. "Why Diplomacy Matters" (Texas A&M University, April 15, 2019): https://www.state.gov/remarks-at-texas-am-wiley-lecture-series/

me atendem. Esse é um sistema falido".[39] O apelo contínuo de Trump (apesar de atos evidentes de criminalidade, de incompetência e de provável traição) tem sido baseado em seu posicionamento como um *outsider*, alguém de fora do esclerótico, ineficaz, moralmente degradado sistema político. É preciso notar que o fato de Trump ser ele mesmo um beneficiário desse sistema, ou cúmplice dos abusos que denuncia, é algo que não parece importar. O que "importa" é que ele não pede a seus apoiadores para acreditarem no próprio sistema. Portanto, o que distingue as declarações "cínicas" feitas por Trump dos incontáveis exemplos de invectivas racistas, de chauvinismo nacionalista e de mentiras descaradas é sua alquimia peculiar de dissimulação e provocação. O orador cínico *sabe* que está fazendo uma afirmação de "má-fé" (mesmo que sempre haja alguma verdade no que é dito). O orador cínico sabe que *nós sabemos* que sua afirmação foi projetada para provocar uma resposta indignada (ao "dizer em voz alta a parte que deveria ser mantida em voz baixa", ou interpretar errado de propósito as intenções de um interlocutor). O mais importante é que *todos nós sabemos* que nada disso importa – a declaração do orador e a reação do ouvinte afirmam um *status quo* que ambos reconhecem como não merecedor de ser salvo. O que não quer dizer que tudo continua como antes, porque o que geralmente ocorre após um discurso cínico "eficaz" é uma sútil, mas profunda, desvalorização das fontes convencionais de legitimação, como quando passamos a aceitar a ubiquidade das "*fake news*" e o fato aparente de que "todos os policiais são bastardos".

O pessimismo irônico que colore declarações cínicas faz com que até mesmo a revolução pareça uma farsa ("Se quisermos que tudo continue como está, tudo deve mudar", declara o astuto sobrinho Tancredi de *Il Gattopardo*). Estejam elas relegadas às margens ou confortavelmente acomodadas dentro de instituições corruptas e hipócritas, as afirmações cínicas são descaradas em sua publicidade – já que os poderosos acreditam que podem ofender sem consequências e os desprovidos de poder sentem que não têm mais nada a perder. O discurso cínico nunca serve para apaziguar e pode, na verdade, apressar o fim de um consenso opressivo; assim, fornece um impulso improvável para o aprendizado coletivo, ainda que o faça esmagando insensivelmente crenças sociais. É igualmente importante lembrar que o discurso cínico nunca é ele próprio a fonte última da podridão moral, mas apenas o mensageiro, confirmando aquilo que "todo mundo sabe". O discurso cínico não é "eficaz" em virtude de sua absoluta arbitrariedade – ele chama a atenção para a hipocrisia e a resignação e "provoca" os ouvintes a provarem que o cínico está errado ou a admitirem a necessidade de mudanças fundamentais. O que une o discurso cínico de Diógenes e um Donald Trump é que o fato de que eles parecem "escapar" de suas provocações leva naturalmente à conclusão de que, em uma sociedade verdadeiramente "justa", eles não poderiam escapar de tais declarações – porque numa sociedade verdadeiramente "justa", tais afirmações seriam não apenas normativamente indesejáveis, mas também factualmente falsas. É claro que os ataques cínicos têm o potencial de se sobrepor a insultos abertamente racistas ou misóginos; o discurso cínico também pode ser acusado de caricaturar injustamente grupos visados ("os políticos são todos bandidos", "os eleitores são todos idiotas"). Mas seria incorreto nivelar e não distinguir entre discurso com intenções cínicas e discurso de ódio, sobretudo porque o cinismo nunca presume a superioridade de um grupo sobre

[39] Ornitz, Jill and Struyk, Ryan. 2015. "Donald Trump's Surprisingly Honest Lessons About Big Money in Politics" www.abcnews.go.com.

outro. Diferentemente da propaganda ou da produção de slogans, o discurso cínico serve para minar a confiança em tipos ideais *tout court*, especialmente aqueles que fundamentam as hierarquias de status.

O discurso cínico demonstra os usos da linguagem moral ao perpetrar novos abusos. Alguns podem recuar diante da crueza ou do caráter indolente das afirmações cínicas. Alguns podem alegar que o discurso cínico está enredado em uma contradição performativa: em quais fundamentos a derrisão cínica pode se ancorar, além dos mesmos padrões críticos e normativos usados por críticas sociais sinceras? O discurso cínico consegue puxar o tapete da razão comunicativa, demonstrando a falta de fundamento normativo da linguagem ao subverter significados e padrões bem diante de nossos olhos. O discurso arruína contextos comunicativos pelos meios que forem necessários, usando qualquer palavra, em qualquer volume, contra qualquer alvo, acompanhado de qualquer número de gestos e falas ofensivos. O discurso cínico apresenta uma manobra linguística particular, manifestando a exceção que refuta a regra. Embora possamos discutir se essa resoluta negatividade é desejável ou justificável, ou se é capaz de conduzir à paz social, essas preocupações são secundárias à funcionalidade do cinismo em si.

3. Cinismo como preparação para a incerteza radical

> *[6.63] Quando lhe perguntaram o que ele tinha aprendido com a filosofia, ele respondeu: "No mínimo, estou preparado para o que quer que aconteça".*[40]

Em 7 de novembro de 2024, dois dias após a reeleição de Trump, o programa de alterações climáticas Copernicus (uma divisão do programa espacial da Comissão Europeia) publicou um relatório afirmando que, em 2023, pela primeira vez as temperaturas médias globais atingiram 1,5°C acima dos níveis pré-industriais.[41] De acordo com a Agência de Refugiados das Nações Unidas, o número global de pessoas deslocadas internamente em busca de alívio para secas, enchentes, incêndios florestais e colapso agrícola já é, em média, de 20 a 30 milhões de pessoas por ano – e, quando consideramos as pessoas que fogem da violência política e da guerra, esse número sobe para mais de 70 milhões.[42] No momento atual, a maioria dos países do primeiro mundo parece ser incapaz de organizar qualquer esforço cooperativo para lidar com as mudanças climáticas que vêm se acelerando, ou para defender os direitos humanos de forma significativa, ou ainda para policiar as corporações multinacionais. Na ausência de estabilidade existencial ou transparência política, o cinismo incentiva a autotransparência e a integridade pessoal contra circunstâncias que estão além de nosso controle. Embora o poder do discurso cínico exista especificamente no momento de enunciação do insulto, sua impotência afirmativa fala de uma experiência cada vez mais ampla de heteronomia e impotência:

[40] Laertius, *Lives of Eminent Philosophers*, p. 288. ["No mínimo, estar preparado para enfrentar todas as vicissitudes da sorte" (tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 168)].

[41] https://climate.copernicus.eu/year-2024-set-end-warmest-record.

[42] https://www.unhcr.org/uk/news/stories/climate-change-and-displacement-myths-and-facts https://www.internal-displacement.org/global-report/grid2023/.

> Tento não deixar que meu status me impeça de fazer as coisas que quero fazer. Provavelmente a coisa mais assustadora que fiz foi me assumir [como lésbica] para meus pais. Uma vez feito isso, senti que podia fazer qualquer coisa. Não quero me arrepender das coisas mais tarde. Claro, eu poderia ser pega pelo ICE ao sair pela porta, mas também poderia morrer de alguma doença aleatória. Isso não deve me impedir de ter uma vida plena. Além disso, não quero dar a eles [autoridades de imigração] a satisfação de saber que estão me controlando." ("Sylvia", imigrante sem documentos que vive nos EUA).[43]

O que pode ser mal interpretado como fatalismo ou como bravata também pode ser entendido como um meio efetivo de lidar com a autoridade hegemônica. Aqui, o orador equipara o perigo do policiamento de imigração agressivo a uma condição existencial de risco mais generalizada. Para fins de contexto, essa entrevista data de uma época em que o "*Dream Act*" dos EUA para naturalizar os filhos de imigrantes sem documentos ainda era uma possibilidade remota. Hoje, à luz da rejeição das anistias de imigração pelos dois principais partidos e à luz do endosso entusiástico do novo governo Trump às deportações em massa,[44] parece que a única resposta racional para aqueles que são apátridas ou indocumentados é abandonar qualquer esperança em soluções políticas, afirmar sua não merecida "ilegalidade" e buscar novas estratégias para ajudá-los a lidar com um purgatório legal perpétuo.

Considerando as atuais perspectivas nefastas que devemos encarar, parece que cada vez mais seremos forçados a nos aclimatar com modos de agência política definidos por deslocamentos, incerteza e impotência. Tais condições podem ser relacionadas ao caráter hegemônico da vida sob o regime autoritário, em que se corre constantemente o risco de uma revolta repentina e violenta. Mas, na opinião de teóricos como Lisa Wedeen, as aclimatações "cínicas" às circunstâncias tirânicas não são uma solução, e seu próprio foco é a vida sob o regime de al-Assad, na Síria.[45] Isso se deve ao fato de a obediência apática e puramente performática (agindo "como se" apoiasse um líder para simplesmente ser deixado em paz) nunca ser capaz de produzir liberdade real – ela apenas afirma um efeito disciplinador e despolitizador mais sutil sobre a agência, por meio do qual a rebelião acaba sendo mais esvaziada de seu interesse emancipatório vital do que simplesmente esmagada.[46] Após uma guerra estagnada de 10 anos, Wedeen ainda vê uma qualidade viciante em qualquer modo de agência que não esteja sinceramente investida na derrubada de um regime tirânico.[47] Atitudes cinicamente "irreverentes" em relação às mensagens oficiais do regime não se mostraram mais efetivas do que a insurgência para romper o ciclo de "indução à conformidade", pelo qual o poder dominante absorve desafios contra hegemônicos até que a oposição se esgote e a população em geral anseie por estabilidade de qualquer tipo duradouro.[48] Na melhor das hipóteses, a subversão não convencional pode ser deixada para a sátira, que pode

[43] Entrevista: Roberto G. Gonzales. 2016. *Lives in Limbo: Undocumented and Coming of Age in America*. University of California Press. (Nota da Tradução: ICE é a sigla da Polícia de Imigração e Alfândega dos Estados Unidos da América, *Immigration and Customs Enforcement*).
[44] Ventura, J. 2024 "*Trump says there's no 'price tag' on his deportation proposal*", www.thehill.com (11/07/24)
[45] Wedeen, *Ambiguities of Domination*; Wedeen, *Authoritarian Apprehensions*.
[46] Wedeen, *Ambiguities of Domination*, p. 147.
[47] Wedeen, *Authoritarian Apprehensions*.
[48] Wedeen, *Authoritarian Apprehensions*, p. ix.

oferecer um modo de "distanciamento... de aspectos da vida que são prejudiciais e podem ser melhor imaginados de outra forma".[49] Argumentei contra a desconsideração do cinismo como modo de agência política porque acredito que ele oferece alternativas, tanto as de curto prazo quanto as duradouras, à resignação niilista, ao negacionismo e ao revanchismo violento, para um mundo político cada vez mais dominado por regimes autoritários patéticos, porém perigosos, apesar de mais de uma década de mobilizações de massa sem precedentes em nome da revolução democrática.[50]

Eu acredito que o cinismo merece consideração enquanto um modo construtivo de lidar com um mundo político e horizonte existencial que estão fugindo do controle humano. O suposto exílio e escravização de Diógenes não foram o resultado direto de suas ações ultrajantes: essas vieram depois. De qualquer modo, seu cinismo era uma expressão do fato de não ter mais nada a perder. No outro extremo socioeconômico, a herança de Donald Trump do império imobiliário do pai o poupou de ter que se desculpar por sua óbvia falta de perspicácia empresarial, de gosto estético e de decência social básica. Em ambos os casos, o cinismo tem um caráter exclusivamente "afirmativo".

Conclusão

Para resumir, descrevi o discurso cínico como uma atribuição *invidiosa* – uma manipulação injusta, indecorosa e indigna do significado, por meio da qual um contexto comunicativo é arruinado, a ponto de não poder mais proceder do modo usual. Tentei explorar algumas das modalidades únicas do cinismo – como um modelo de discurso criativamente antagônico; como uma afirmação consciente de status; como uma orientação para a incerteza futura. Contrastei o cinismo a noções mais convencionais de agência democrática e à presunção de que o debate respeitoso, a construção de coalizões, a reforma legislativa progressista e o protesto pacífico oferecem uma gama exaustiva de expressões políticas legítimas. Esses processos preferidos são todos eles facilmente abandonados na esteira de qualquer reviravolta eleitoral (não apenas nos EUA), quando a classe estabelecida de comentaristas começa a oscilar muito entre o idealismo apologeta e a condenação niilista.[51] As democracias do primeiro mundo que enfrentam surtos de populismo reacionário e de hostilidade em relação à elite do *establishment* são muito rápidas em apresentar resultados em termos totalmente apocalípticos ("a eleição mais crítica para o futuro do país; que o resultado errado desencadeará um regime fascista").

[49] Wedeen, *Authoritarian Apprehensions*, p. 75.

[50] Para uma crítica incisiva do legado do movimento de justiça global e seu modelo de mobilizações de massa "horizontais", sem liderança, veja: Vincent Bevins (2023); minha defesa do cinismo como uma forma mais localizada de enfrentamento dentro de sistemas sociais deficientes é, ela própria, informada pela perda de fé no modelo de "revolução" sustentado por vários movimentos de tipo "*occupy*" e pela Primavera Árabe. Esses movimentos expressaram uma fé permanente na possível redenção e democratização dos sistemas políticos existentes, uma fé que parece ter sido amplamente equivocada e que subestimou a capacidade de cooptação e fragmentação internamente.

[51] Johnson, A. 2024. "Democratic Elites Blame Everyone But Themselves for Historic Collapse (On the blame list: transgender people, economic headwinds, ontologically racist voters – anyone but the powerful people tasked with defeating Trump)" ["As elites democráticas culpam a todos, menos a si mesmas, pelo colapso histórico (na lista de culpados: pessoas transgênero, ventos econômicos contrários, eleitores ontologicamente racistas – qualquer um, menos as pessoas poderosas encarregadas de derrotar Trump)] www.inthesetimes.com.

Onde essas advertências graves ou afirmações beligerantes de supremacia nos deixam? Uma vez que um investimento emocional na glória de um legado nacional (qualquer parte desse passado que estejamos inclinados a elevar) é mais racional ou razoável que a avaliação cínica de que foi tudo em vão, devemos encontrar novos caminhos para construirmos confiança e vivermos moralmente. A afirmação cínica consiste em dobrar as regras para beneficiar a comunidade moral de alguém em vez de moldar sua identidade em torno do modelo estabelecido de boa cidadania; o cinismo não busca inclusão, porque as ações comunitárias anteriores, ou a marginalização e a perseguição provam o quão moralmente indesejável é essa inclusão. Quando consideramos a vacuidade adquirida por formulações como "autoridade presidencial", "segurança nacional", "sabedoria coletiva", "intervenção humanitária", "mercados livres", percebemos que as reavaliações de seu significado não são necessariamente motivadas por desenvolvimentos em estruturas políticas ou socioeconômicas (como quando o "direito divino dos reis" gradualmente deu lugar a noções de soberania nacional); nem sempre a desvalorização de normas é resultado de campanhas de propaganda concertadas ou ataques ideológicos, como quando o fornecimento de bem-estar social pelos estados deu lugar a uma retórica de encolhimento do estado e à patologização do "desperdício governamental".[52]

Embora agentes politicamente influentes, como o ex-chefe de gabinete de Vladimir Putin, Vladislav Sirkov, ou o ex-assessor de campanha de Donald Trump, Steven Bannon, tenham feito da manipulação do discurso público uma profissão, acho enganoso igualar maquinações demagógicas com erupções "cotidianas" de discurso cínico, nas quais ideais declarados e o status eminente dos líderes são gradualmente sobrecarregados por demonstrações contínuas de fraude e hipocrisia.[53] O discurso cínico não precisa injetar tais dúvidas unilateralmente, já que muitas vezes se forma em reação à contaminação moral, para a qual uma resposta perfeitamente razoável é empurrar ideais vacilantes e reputações danificadas até seu limite. Aqui podemos distinguir o menosprezo cínico do humor desencantado e "irônico", como o gênero popular e amplamente anônimo de *anedota*, que era uma característica proeminente da cultura soviética tardia (exemplo: "Qual é a diferença entre um pessimista soviético e um otimista soviético? Um pessimista soviético acha que as coisas não podem piorar, mas um otimista soviético pensa que elas vão").[54] Declarações cínicas tendem a ser mais personalizadas, vituperativas, o que pode acabar arruinando um contexto comunicativo particular. Enquanto uma declaração cínica pode tirar sua força retórica do humor, da fofoca ou da suposição, sua efetividade é atribuível às ressonâncias verdadeiras subjacentes à má-fé óbvia do orador.

Para encerrar, quero deixar claro que minha tentativa de garantir um ponto de apoio mais seguro para entender o cinismo e seus efeitos não é uma tentativa de descobrir "um verdadeiro e autêntico" cinismo contra o qual supostas manifestações podem ser medidas. Fui motivado por uma preocupação de que nosso uso contínuo desse artefato específico do grego ático contém uma ambiguidade problemática, através da qual o "cinismo" é feito para se referir tanto às provocações do cínico quanto às circunstâncias prevalecentes de inépcia, da imoralidade e da injustiça das quais ele surge. Minha alegação é a de que o cinismo encapsula uma espécie única de discurso manipulador –

[52] Stanley, *How Propaganda Works*.
[53] Pomerantsev, *Nothing Is True and Everything Is Possible*.
[54] Yurchak, *Everything was Forever, Until it was No More*, p. 280.

mas isso não o torna inerentemente patológico, parasitário ou prejudicial para a genuína compreensão moral-política. Quer proceda de uma maneira abertamente provocativa ou sutilmente subversiva, o cinismo destrói a "objetividade" do nosso mundo político, corrói a confiabilidade de ideais vazios e mina o respeito por status que não refletem as necessidades humanas reais. Ofereci uma série de *sketches* nos quais respostas cínicas são claramente "racionais", dadas as circunstâncias, mesmo quando influenciadas por motivos nada salubres. Eu insistiria ainda mais para sugerir que a derrisão cínica, a provocação e a atribuição invidiosa são suplementos indispensáveis aos efeitos normais de "vinculação e ligação" da interação comunicativa e do consenso. De fato, o "caminho baixo" da provocação desonesta pode se mostrar tão vital para a percepção normativa e a criatividade quanto o "caminho alto" da busca de consenso bem-educado à qual tantas vezes tentamos – e falhamos em – aderir.

Referências

ALLEN, Lori. *The Rise and Fall of Human Rights*: Cynicism and Politics in Occupied Palestine. Stanford: Stanford University Press, 2013.

ARENDT, Hannah. *The Origins of Totalitarianism.* Londres: Penguin Modern Classics, 2017 [1950].

BAUER, B. *The Unravelling*: Reflections on Politics Without Ethics and Democracy in Crisis. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2024.

BEVINS, Vincent. *If We Burn*: The Mass Protest Decade and the Missing Revolution. Nova York: Public Affairs/Hachette, 2023.

BRANHAM, R. Bracht. Defacing the Currency: Diogenes' Rhetoric and the Invention of Cynicism. *In*: BRANHAM, R. Bracht; GOULET-CAZÉ, Marie-Odile (org.). *The Cynics: The Cynic Movement in Antiquity and its Legacy*. Berkeley: University of California Press, 1996. pp. 81-104.

CALDWELL, Wilber W. *Cynicism and the Evolution of the American Dream*. Dulles: Potomac Books, 2007.

CARPENTER, Amanda. *Gaslighting America*: Why We Love it When Trump Lies to Us. Nova York: HarperCollins, 2018.

CHALOUPKA, William. *Everybody Knows*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

CHRIST, Matthew R. *The Litigious Athenian*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

DENEEN, Patrick. *Democratic Faith*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

DUDLEY, Donald R. *A History of Cynicism*: From Diogenes to the 6th Century A.D. Londres: Methuen & Co. Ltd., 1937.

FOUCAULT, Michel. *The Government of the Self and Others (Lectures at the Collège de France, 1982-1983)*. Tradução de Graham Burchell. Londres: Palgrave Macmillan, 2010.

GAGLIARDO-SILVER, Victoria. What I mean when I say I want to abolish the police. *The Independent*, 1 jun. 2020. Disponível em: https://www.independent.co.uk/. Acesso em: 20 nov. 2024.

GIROUX, Henry. *Public Spaces, Private Lives*: Beyond the Culture of Cynicism. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2001.

GRAFTON, Anthony. Diogenes Laertius: From Inspiration to Annoyance (And Back). *In*: MILLER, James (ed.). *Diogenes Laertius*: Lives of the Eminent Philosophers. Tr. Pamela Mensch. New York: Oxford University Press, 2018. pp. 546-554.

HANSEN, Mogens Herman. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. Tradução de J.A. Crook. Norman: University of Oklahoma Press, 1999.

HERRERA, Jack. The Defunding Debate. *Columbia Journalism Review*, verão 2020. Disponível em: https://www.cjr.org/. Acesso em: 20 nov. 2024.

HIGDON, N. *The Anatomy of Fake News*: A Critical News Literacy Education. Oakland: University of California Press, 2020.

JAMESON, Michael H. *Cults and Rites in Ancient Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

KAKUTANI, Michiko. *The Death of Truth*: Notes on Falsehood in the Age of Trump. Nova York: Tim Duggan Books, 2018.

KEEANGA-YAMAHTTA TAYLOR. *From #BlackLivesMatter to Black Liberation*. Chicago: Haymarket Books, 2016.

KEENAN, Alan. The Twilight of the Political? A Contribution to the Democratic Critique of Cynicism. *Theory & Event*, v. 2, n. 1, jan. 1998.

LAERTIUS, Diogenes. *Lives of Eminent Philosophers*. Tradução de Pamela Mensch. Oxford: Oxford University Press, 2018.

LEBRON, C. J. *The Making of Black Lives Matter*: A Brief History of an Idea (Updated Edition). Oxford: Oxford University Press, 2023.

LONG, A.A. The Socratic Tradition: Diogenes, Crates, and Hellenistic Ethics. *In*: BRANHAM, R. Bracht; GOULET-CAZÉ, Marie-Odile (org.). *The Cynics: The Cynic Movement in Antiquity and its Legacy*. Berkeley: University of California Press, 1996. pp. 81-104.

MÁRKUS, György. Diogenes Laertius Contra Gadamer: Universal or Historical Hermeneutics? *In*: FEKETE, John (org.). *Life After Postmodernism*. Londres: Macmillan Education, 1988. pp. 142-160.

MAZELLA, David. *The Making of Modern Cynicism*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2007.

MCINTYRE, Lee. *Post-Truth*. Cambridge, MA: MIT Press, 2018.

MEIJER, P.A. *A New Perspective on Antisthenes*: Logos, Predicate and Ethics in his Philosophy. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2017.

MERCIECA, Jennifer. *Demagogue for President*: The Rhetorical Genius of Donald Trump. College Station: Texas A&M University Press, 2020.

NIEHUES-PRÖBSTING, Heinrich. The Modern Reception of Cynicism: Diogenes in the Enlightenment. *In*: BRANHAM, R. Bracht; GOULET-CAZÉ, Marie-Odile (org.). *The Cynics:* The Cynic Movement in Antiquity and its Legacy. Berkeley: University of California Press, 1996. pp. 329-365.

NUSSBAUM, Martha. *The Cosmopolitan Tradition*: A Noble but Flawed Ideal. Cambridge, MA: Belknap Press, 2019.

POMERANTSEV, Peter. *Nothing Is True and Everything Is Possible*: The Surreal Heart of the New Russia. Nova York: Public Affairs, 2014.

RAPPE, Sara. Father of the Dogs? Tracking the Cynics in Plato's Euthydemus. *Classical Philology*, v. 95, n. 3, pp. 282-303, jul. 2000.

RIJKHOFF, Sanne. Still Questioning Cynicism. *Society*, v. 55, pp. 333-340, 2018.

SKINNER, Quentin. *Reason and Rhetoric in the Philosophy of Hobbes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SLOTERDIJK, Peter. *Critique of Cynical Reason*. Tradução de Michael Eldred. Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press, 1987.

SOMMERSTEIN, Alan H. Harassing the Satirist: The Alleged Attempts to Prosecute Aristophanes. *In*: SLUITER, Ineke; ROSEN, Ralph M. (org.). *Free Speech in Classical Antiquity*. Leiden e Boston: Brill, 2004. pp. 145-174.

STANLEY, Jason. *How Propaganda Works*. Princeton: Princeton University Press, 2015.

STANLEY, Sharon A. *The French Enlightenment and the Emergence of Modern Cynicism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

WATERFIELD, Robin. *Why Socrates Died*: Dispelling the Myths. Nova York: W.W. Norton & Company, 2009.

WEDEEN, Lisa. *Ambiguities of Domination*: Politics, Rhetoric, and Symbols in Contemporary Syria. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

WEDEEN, Lisa. *Authoritarian Apprehensions*: Ideology, Judgment, and Mourning in Syria. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 2019.

WORLD BANK. *Poverty, Prosperity, and Planet Report 2024*: Pathways Out of the Polycrisis. Washington, DC: World Bank, 2024.

YOUNGE, Gary. *The Speech*: The Story Behind Dr Martin Luther King Jr.'s Dream. Chicago: Haymarket Books, 2013.

YURCHAK, Alexei. *Everything was Forever, Until it was No More*: The Last Soviet Generation. Princeton: Princeton University Press, 2006.

SOBRE O AUTOR

John McGuire
John McGuire é um *Teaching Fellow* da *School of Social Policy, Social Work, and Social Justice* na *University College Dublin* (Irlanda). Sua pesquisa se concentrou em continuidades entre tradições antigas e modernas da cultura democrática no "Ocidente", com foco particular em expressões de desilusão cínica com a política. Atualmente, ele está trabalhando em modelos de diálogo intercultural em períodos de crise. *E-mail*: john.mcguire@ucd.ie.